

O apelo do Presidente *(Economia-Brasil)*

ALUIZIO NAPOLEÃO

CORREIO BRAZILIENSE

28 III 1986



A mensagem do presidente José Sarney aos brasileiros sobre o Plano de Metas, que complementa o Plano Cruzado, demonstrou, mais uma vez, a sua postura de estadista, ao tomar uma decisão corajosa em momento crítico da vida nacional. Fez-me volver ao passado, quando homens de Estado como o presidente Franklin Delano Roosevelt, nos EUA, e o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, no Brasil, tiveram de enfrentar situações difíceis e delicadas, ambos, por coincidência, autores de duas frases famosas: o primeiro disse que a única coisa que se devia temer era o próprio medo; o segundo, que Deus lhe havia poupado o sentimento do medo. Uma das qualidades do estadistas é, sem dúvida, a capacidade de decidir em favor da comunidade, em momentos de crise, pois, como dizia outro Presidente brasileiro, Washington Luiz Pereira de Souza, as crises revelam os homens.

Dentro desse contexto, as declarações do presidente Sarney demonstram que não receia tomar atitudes, mesmo que essas atitudes não sejam populares, em vésperas de eleição, o que faz com que suas palavras estejam impregnadas de sinceridade. O povo sabe julgá-las, sobretudo quando representam um risco, como acontece na vida política, dependente da complexa mobilidade que é inerente aos seres humanos, sujeitos a influências, sentimentos, crenças, idiossincrasias, expansões imprevisíveis, que mudam situações e destroem organizações e estruturas sociais.

O verdadeiro estadista, o autêntico guia de um povo não pode, porém, hesitar diante de tais fenômenos, pois é nesse momento que ele se revela um leader, para usar uma expressão

anglo-saxônica. E ninguém dirá que o presidente Sarney está fora dessa classificação, após as várias crises já debeladas, de aspecto político, econômico e financeiro, em um país que começa a viver em regime democrático, após quase um quarto de século de governo ditatorial. Assumindo o poder em circunstâncias trágicas e dramáticas para a nação, soube portar-se com denodo, serenidade e compostura, enfrentando crises políticas, sociais, econômicas, financeiras, internas e externas, das quais vem-se saindo galhardamente. Tem sido sério e coerente, quando apela para o povo, pedindo que os brasileiros se coloquem em seu lugar e procurem compreendê-lo, ajudando-o, moralmente, a superar as dificuldades, associando-os aos seus atos, que visam ao bem geral, em momento de uma nação em que os bens não estão repartidos com

justiça, necessitando medidas que tragam o equilíbrio social a fim de que não haja fartura em demasia de um lado e penúria triste e sinistra de outro.

Não sendo economista, procuro observar a situação atual apenas como cidadão, com aquele instinto peculiar às massas, achando, como manda o senso comum, que o caminho do presidente Sarney está certo, não entrando no mérito da maneira de atingir o alto fim a que se destinam os seus Planos Cruzados e de Metas. Uma coisa, porém, nos diz, a nós, leigos em economia, que as aspirações legítimas de um povo não podem ser afastadas, especialmente quando um dirigente de boa-vontade vem dizê-lo com intrepidez e confiança, com fé e decisão, assistido por homens da mesma têmpera, que procuram realizar o possível para o bem geral do povo, dentro

de sua própria condição humana, sem se declararem infalíveis, procurando acertar e pôr em ordem um País sofrido, que desabrocha para a democracia, que não se aprende em um dia como não se curam males de décadas em poucos meses. Estão, sem dúvida, procurando acertar, em momento de confusão, em que os políticos começam a engatinhar para construir, na próxima Assembléia Nacional Constituinte, a estrutura jurídica e social de uma jovem nação, cheia de recursos naturais, com sua característica multirracional, sua predominância católica, suas indiscutíveis aspirações de liberdade.

Estamos, realmente, em uma encruzilhada da história, em que, se falharmos, poderemos ser surpreendidos por convulsões que nenhum brasileiro deseja e ninguém será capaz de evitar, pois, quando surgem, vêm com a força das tempestades, dos furacões, dos terremotos e das erupções vulcânicas.

A Nação tem que ser estruturada, educada para a era atômica, sabendo aproveitar os ensinamentos da tecnologia e da ciência, que nos livrarão das trevas em que vivemos, da subordinação a nações mais adiantadas que dominam o mundo pela capacidade e o saber, que nada mais são do que a experiência e o poder criativo acumulados através dos séculos.

Parece que um raio de luz está sendo visível no túnel que atravessamos. Sem essa esperança, que seria da nossa geração, traumatizada por guerras e revoluções, pela violência que se erigiu em dominadora do mundo?!...